

XXII SEMANA DE HISTÓRIA

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste



TRABALHADORES LIVRES? NEM TANTO: A VIDA DOS MORADORES DE FAVOR NO SERTÃO CEARENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Marília Isabel Tomaz Rocha de Moraes¹ Darlan de Oliveira Reis Junior²

Resumo: A pesquisa tem como objeto os camponeses que não possuíam terras, na segunda metade do século XIX, no Sertão Cearense. Busco analisar as formas de controle dos proprietários de terra sobre os denominados “moradores de favor”. Para realizar este objetivo, procurarei entender o contexto socioeconômico no recorte temporal. Além disso, levarei em conta a questão do trabalho no período, no Brasil, que era a do trabalho escravizado e as diferentes formas de exploração dos trabalhadores e trabalhadoras livres. Dessa forma, as relações de poder serão analisadas levando em consideração a formação social escravista. A relação entre a classe senhorial e seus substratos e os camponeses moradores de favor em suas terras, as obrigações e formas de dominação e de resistência, conforme explica James Scott (2013). Essas relações estavam permeadas por condições severas de vulnerabilidade e dependência social (SCOTT, 2013, p.16).

Ao pesquisar sobre as condições em que os pobres viviam no Sertão cearense, é possível identificar o modo em que essa parcela da população era tratada. Muitas vezes descritos pela classe senhorial como vadios e preguiçosos, eram submetidos ao trabalho pesado, em formas distintas de trabalho compulsório e de obrigações paternalistas (REIS JUNIOR, 2019, p.242-243). A vida desses homens de condição humilde não era fácil. Ao trabalharem para si e suas famílias, ainda assim eram descritos como ociosos. Além disso, havia o risco da submissão através do recrutamento estatal, seja para obras ou para o serviço militar.

A justificativa para impor o trabalho foi variada. O combate à ociosidade dos pobres, a prevenção da violência, a diminuição da criminalidade, as necessidades da lavoura, a diminuição da mão de obra escrava, a realização de obras públicas, a urgência em diminuir os problemas causados pelas secas e demais calamidades, entre outras. (REIS JUNIOR, 2019, p.25)

Na formação social escravista, além da escravidão, existiam outras formas de trabalho compulsório, e a exploração da mão de obra dos

¹ Graduanda em História pela Universidade regional do Cariri- URCA Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Membro do núcleo de estudos em história social e ambiente (NEHSA); mariliaisabel.moraes@urca.br

² Orientador, Professor Associado da Universidade Regional do Cariri, Departamento de História. darlan.reis@urca.br

XXII SEMANA DE HISTÓRIA

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste



trabalhadores livres era necessária para a produção agrícola. O Ceará tinha essas características. E dentre as diferentes formas de submissão dos trabalhadores livres, em especial do mundo rural, estava a que buscamos investigar: a morada, o que, segundo Garcia Junior,

Ser ou tornar-se morador significava se ligar ao senhor do domínio de uma maneira muito específica, numa relação que supunha residência e trabalho simultaneamente (...). Ao pedir morada, quem o fazia já demonstrava não ter melhor opção de lugar para ir; não dispondo de meios de organizar sua existência social, vinha pedir ao senhor que os fornecera e até mesmo os organizasse para ele" (Garcia Jr., 1990, p.38)

Palavras-chave: Moradores de favor. Camponeses. Trabalho.

Referências

GARCIA JUNIOR, A. 1990, **O Sul**: caminho do roçado. Brasília, Marco zero, Unb, CNPq

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Os usos e abusos no mundo do trabalho a desclassificação social dos trabalhadores no século XIX, na região do Cariri, Província do Ceará**. Crato, edição 23 nº2, maio/agosto, 2019.

SCOTT, James C. A dominação e a arte da Resistência: discursos ocultos. **Letra livre**. Lisboa. 2013